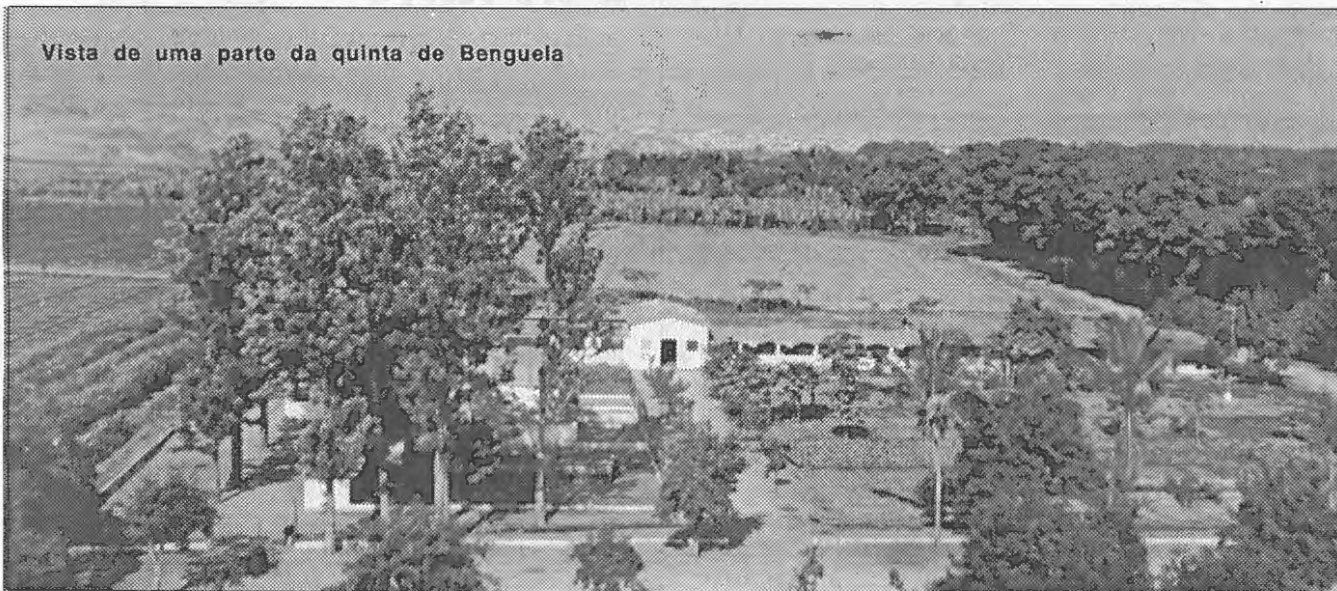


Vista de uma parte da quinta de Benguela



# África

O avião em que Padre Manuel António regressou de suas férias voou a Maputo e trouxe Padre José Maria. Eu vim de Benguela. Padre Telmo esperava-nos a todos em Luanda. Aquela quinta-feira encontrou-nos ali, o dia inteiro, debruçados sobre problemas e caminhos de cada Casa no contexto dos de toda a Obra. Dia seguinte, Padre Manuel voltaria à sua Comunidade; e os outros três, manhã cedo, tomámos o jeep e o rumo de Malanje. Foram doze horas para vencer os quatrocentos e poucos quilómetros que distanciam de Luanda esta Casa. Viagem dura no carro mais capaz de galgar buracos e charcos, mas duro também, que nos pôs no destino, meios partidos, tinha já caído a noite. Terá sido, certamente, a minha despedida desta Angola tão linda e tão querida, da qual partiria com remorsos se não aproveitasse esta vez para estar mais por dentro dela. Graças a Deus não houve incidentes e a aventura terminou bem. E serviu para deixar sérias recomendações a Padre Telmo, autorizadas agora pela experiência, de que também ele já não tem o direito de usar esta via quando a vida da Casa o obrigar a viajar a Luanda.

A nossa Aldeia de Malanje está recuperada e em progresso nos seus arranjos urbanísticos. Para mim, continua a mais bonita das Casas do Gaiato africanas. É, realmente, uma mancha de beleza e de paz, um contraste feliz em relação ao desencanto que a rodeia.

Ainda assim, tomando como referência a impressão de há quatro anos, Malanje constituiu agora a minha surpresa boa. Então era uma cidade militarmente cercada onde se refugiaram as populações que antes a cercavam pacífica e ordenadamente. Os vestígios da ruína que a guerra foi produzindo, permaneciam e acumulavam-se

sem que ninguém, ao menos, os remove. Era, na verdade, a imagem de uma terra-fantasma que aquela população excessiva e errante na busca aflita de subsistência, em vez de lhe dar vida, punha-lhe ainda mais colorações de morte. Saí de lá também aflito e, então, pareceu-me Benguela um recantinho de paraíso.

Este ano — repito — a minha referência foi o que vi e experimentei, há quatro anos. As impressões mudaram de sinal. Benguela, ao longo deles, foi-se afundando em degradação, sem

que ninguém lhe tenha dado ou esteja dando a mão. O velho e nobre edifício da Câmara lá está, mas cá fora não se vê sinal de que ainda respire: Ninguém a recolher o lixo; ninguém a tapar os buracos das ruas, sequer das avenidas principais; moradias e prédios e jardins sem cor nem graça; da Praia Morena, tão aprazível que era, resta o oceano, esse, sim, grande e belo, contido pelos morros majestosos que perdemos de vista para além do pico do Sombreiro.

Em Malanje achei sintomas de recuperação. Ruas com buracos, é certo, mas só nas mais periféricas ainda escombros a dizer que a guerra passou por ali. Casinhas em reconstrução, seus jardimzinhos restaurados. E, frente à Sé e na rotunda que dá entrada à Vila Matilde, grupos de homens e mulheres capinando e plantando relva. Foi um

Continua na página 3

## CALVÁRIO

### Os menos e os mais

TRANSPÕEM o portão e deparam com a policromia da folhagem densa das árvores altas e frondosas. Ao redor das habitações, as azáleas coloridas e hidrâneas a despontar, mostram o apreço dos moradores pela natureza. Nas ruas, as aleluias anunciam a Páscoa com as pequenas flores brancas, pendentes dos ramos.

Descem à quinta. O verde macio dos campos, as árvores em flor, a sinfonia dos pássaros que saltitam de galho em galho nesta reserva apetecível que elegeram, são tudo novidade para estes senhores. Nem admira: vêm da cidade.

Estes visitantes curiosos pedem para ver a casa dos rapazes. Mando entrar.

A sala de jantar, pronta para a refeição, cativa-os. O cheiro das panelas, que foge da cozinha, quer abrir-lhes o apetite. Sobem aos quartos dos rapazes. As camas estão alinhadas e compostas. O pavimento encerado, brilha. O sol, em tiras de luz, entra pelas vidraças e torna tudo vivo e alegre.

Um dos visitantes com a maior naturalidade segreda-me: — Aqui não dorme ninguém! Está tudo tão arrumado! — Dormem, sim — digo eu — e há quarenta anos, os nossos rapazes.

— Como então?  
— É o Marcelo.

O Marcelo é um rapaz de coeficiente intelectual muito baixo. Não consegue perceber coisas elementares. Não induz nem deduz à primeira conjectura. Não tem culpa disso. No entanto, porque veio cedo para nossa Casa e nela se foi treinando ao longo de anos naquilo que hoje executa, é agora um rapaz válido e útil. É o arrumador dos quartos, o refeiteiro, o homem das limpezas caseiras. E, nisto, ninguém o bate. É perfeito. Nas letras e nas contas quase não avança, mas nas tarefas que aprendeu desde criança supera, em muito, muitos dos ditos intelectuais.

Continua na página 3

## ENCONTROS em Lisboa

### Quantos jovens o sistema de ensino continua a marginalizar?

O sistema de ensino que nos é imposto continua a ser para mim um quebra cabeças, porque não sei como é que hei-de dar a volta a um «calhau» deste tamanho atirado sobre as cabeças dos meus miúdos e de muitos Pobres do nosso país.

Há tempos ocupei-me do tempo de chegada, concluindo que os meus miúdos chegam sempre atrasados e que, quer queiram quer não queiram, o sistema «chapa única» acaba por seleccioná-los (leia-se: excluí-los). Hoje vou abordar a questão da passagem, por exemplo do ensino diurno normal, para o nocturno, recorrente, por unidades capitalizáveis. O exemplo será o seguinte: um estudante foi até ao início do 9.º ano de escolaridade, o que significa que já

passou dois anos a ver se conseguia o tão almejado 9.º ano. Atendendo a que a idade, por exemplo 17 ou mesmo 18 anos, bem como a pobreza de meios (isto só acontece com os Pobres), não pode continuar a estudar em regime diurno e tem que passar para o nocturno, o tal das unidades capitalizáveis, porque, entretanto, precisa de começar a trabalhar. Tem que se submeter a um exame por disciplina a fim de ser colocado na unidade correspondente. Naturalmente que quem faz este exame não é o professor que o acompanhou até agora, mas o professor que o irá acompanhar daí para a frente e, é óbvio, que a bitola será baixa. Assim, esse aluno vai ser desvalorizado em muito. Talvez apeteça começar

tudo de novo ou, o que é mais certo, atirar tudo para trás das costas. Assim, atira também fora a possibilidade de mais tarde se apresentar a concurso para certos empregos.

Mais, e veja-se a injustiça: enquanto os meninos que andam no ensino diurno podem chegar ao fim do nono ano e apresentar um diploma de nono ano mesmo que chumbados a três disciplinas, desde que não seja, ao mesmo tempo, a matemática e o português, os do ensino nocturno, por unidades capitalizáveis, só conseguem o dito diploma depois de fazerem todas as unidades.

As experiências com as unidades capitalizáveis continuam a ser um fracasso a mais de setenta por cento, mas insiste-se

no falhanço, sem se darem alternativas.

Entretanto, insiste-se na equação das equivalências absurdas: escolaridade obrigatória igual a nove anos de escolaridade igual a diploma de nono ano. Esta semana, num concurso para um emprego pedia-se a escolaridade obrigatória. Tinha dois miúdos para concorrer. Um foi aceite a concurso porque nasceu antes de 1981 e tem o ciclo preparatório como escolaridade. O outro foi excluído porque nasceu em 1981, tem o ciclo preparatório, frequentou a escola 10 anos, mas não tem diploma de nono ano, portanto, falta-lhe a tal equivalência engendrada por quem não conhece nada da vida dos Pobres.

Continua na página 3



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**POBRES** — Não vem dia ao mundo sem uma carência para se resolver, de medicamentos ao pão de cada dia.

Procuramos aliviar a mensagem que, pela sua crueza, nem sempre é agradável. Mas não sabemos dizer mais nem melhor do que os gemidos de quem sofre, quais vítimas da injustiça dos homens.

Com leituras em mão, entra pelos nossos olhos uma, referindo «*que há cerca de dois milhões de Pobres em Portugal. Afirmação dum sociólogo que definiu o universo da pobreza como o espaço onde se movem os que não têm as necessidades básicas asseguradas*» (miséria inclusivê). O mundo rural — mau grado as migrações internas — continuaria o espaço mais sacrificado.

Respigamos, doutro lado, que «*tuberculose aumenta em Portugal, país da União Europeia com a taxa mais elevada de doentes por cem mil habitantes!*»

Ficamos por aqui. E já não é pouco!

**PARTILHA** — Presenças da Capital do Norte:

Um vale de correio, dez níl, de «*uma portuense qualquer*», contributo dos meses de Março e Abril. O mesmo, da assinante 7769, «*destinado às 'amêndoas' dos mais carenciados*». Idem, do assinante 19148, também para amêndoas e remédios. «*O Espírito de Jesus Ressuscitado continue a alimentar-vos e a dar sempre coragem de prosseguir*» — disse. Mais outra «*partilha de Páscoa, para as maiores necessidades*», entregue pelo assinante 60788. Outra, ainda, da assinante 61195: «*Há muito tempo que tinha vontade de enviar, mas, por diversas circunstâncias e dificuldades, só agora concretizo*».

Presenças de Lisboa:

Contributo mensal da assinante 31104, cuja missiva «*tem por objectivo uma elucidação sobre o habitual — e Deus tenha piedade de nós*», acrescenta. Assinante 29845 deseja, para nós outros, «*de todo o coração, uma santa Quaresma e uma Páscoa bem florida e radiante*», juntando «*pequena oferta destinada a remediar alguma situação mais aflitiva, dos Pobres, que tendais em mãos*» — e que são de todos os dias! Remanescente de contas, com O GAIATO, da assinante 20208. Cinco mil, da assinante 20617 para «*o doente com sida*».

Dois peregrinas, de Coimbra: Alice, com dois mil; e cinco vezes mais da assinante 9708, «*talvez para ajuda de remédios fornecidos pela farmácia*», cuja última factura foram mais de cinquenta contos. Muito rico o Salmo 19, que

legenda a carta: «*O Senhor assentou os meus pés na rocha e firmou os meus passos, pôs em meus lábios um cântico novo*».

Dois vezes Setúbal: «*Avó dos cinco netinhos*» com a «*lembrança do mês de Março*»; e quarenta mil, da assinante 23311 «*para as despesas dos Pobres — que não são poucas*», acentua.

Fiães (Feira), dez mil, para «*compra de medicamentos de um velhinho*». Metade, da assinante 12319, de Penafiel, que já esteve ainda mais perto de nós. 2.500\$00 do assinante 42971, de Ovar, destinados «*aos mais envergonhados*».

Retribuimos os votos de santa Páscoa e, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## TOJAL

**PÁSCOA** — Passou mais uma quadra festiva. Recebemos algumas visitas. Celebrámos todas as cerimónias religiosas e, como não podia deixar de ser, ofereceram-nos amêndoas com as quais nos deliciámos.

**FÉRIAS** — Após uma época de aulas, sabem bem umas férias.

Como estamos na Primavera, aproveitamos as ditas para embelezar um pouco mais a nossa Casa, tratando dos jardins — entre outras tarefas.

**AULAS** — Terminou o segundo período, o mais importante. Agora, já se sabe alguns dos que passarão ou não.

Mas, por vezes, não é o esperado. O terceiro período é pequeno, mas tem muito para dizer.

**CAMPO** — A batata continua a crescer lindamente. Esperamos que assim continue e tenhamos uma boa colheita.

**TEMPO** — Apesar de nos encontrarmos na Primavera, não tem sido agradável — chuva e frio!

Arnaldo Santos

## BENGUELA

**ESTRUME** — Havia falta de estrume porque os bois não fornecem o bastante para a grande fome que têm os nossos campos. Infelizmente, tínhamos que o pedir aos nossos amigos. Fomos por ele: várias carradas da nossa «Pégaso».

**MATRÍCULAS** — Foram matriculados os nossos rapazes do 7.º ano em diante. O 5.º e 6.º anos são cá em casa.

Estamos contentes com o resultado do ano escolar. Ficaram todos aptos.

**PRAIA** — Vamos à praia dois dias por semana.

Nas férias, geralmente, tem sido às terças e quintas-feiras e, no domingo, para mais longe — à Kaotinha ou à Baía azul.

**PADRE CARLOS** — Esteve, cá em Casa, na ausência, por férias, do nosso Padre Manuel na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Recebemo-lo com muita alegria. Depois de ter feito muito trabalho connosco, disse que os Padres da Rua iriam ter uma reunião e, a seguir, cada um seguia para sua Casa.

Agostinho Dinis

## PAÇO DE SOUSA

**PÁSCOA** — Em nossa Casa, como é costume, a Páscoa trouxe-nos bons momentos.

Celebrámos as cerimónias do período pascal. Na Missa da Ressurreição foram baptizados seis dos nossos companheiros. Isto é sempre um pormenor que nos alegra, pois eles agora já pertencem a Deus.

Para além da parte religiosa, houve uma festa teatral orientada pelo José António, o «Anjinho», que correu bem e na qual colaboraram os «Batatinhas».

**FOLARES** — Somos nós que os fazemos. Mas, este ano, foram diferentes. Como temos o forno avariado, pedimos a um amigo, industrial de padaria e confeitaria, que nos ajudasse com a sua prática. Os folares ficaram muito bons!

Rui Manuel

**DESPORTO** — Antes do mais, quero pedir desculpa ao «Asas de S. Jorge», de Fafe, e provavelmente a outras equipas, pela não publicação n'O GAIATO dos nossos encontros.

O «Asas» era uma equipa de infantis bastante habilidosa. O jogo foi dentro do normal. No fim, deram uma merenda muito gostosa e ofereceram bolas à nossa equipa.

Os nossos agradecimentos ao sr. Adelino Marinho e a todos os colaboradores da magnífica equipa de infantis.

Na manhã de 5 de Abril tínhamos jogo fora, com o «Desportivo Águias do Samedeiro», em Penafiel — que

tinha ganho, em nosso campo, por 2-3.

Estava chuva e frio. Eu, Américo e Daniel ao irmos para Casa tivemos um acidente com a Toyota. O piso estava com areia e óleo e o Daniel não conseguiu desfazer a curva. Vínhamos buscar o resto da malta. O veículo ficou com a frente danificada.

Realmente, uma nota triste como a noite, mas não desanimámos. Então, para não faltarmos ao compromisso, o treinador Lupricínio, Manuel da Conceição e Zé Manuel ofereceram prontamente os seus veículos para nos transportarem. Atitude simpática.

Chegámos atrasados, mas, apesar disso, jogámos na mesma. O encontro começou por volta das 9.30 h. e decorreu dentro da normalidade. Houve muitos golos: 3-8 a nosso favor.

Com este resultado sentimo-nos mais calmos. Oxalá não se repita nunca mais o azar...

Jorge Alvor

## MIRANDA DO CORVO

**DOMINGO DE PÁSCOA** — É o dia da Ressurreição de Jesus Cristo. É também um dia de muita alegria com amêndoas e muitos outros doces. Tivemos, nesse dia 12 de Abril, o baptizado de Emanuel José, filho de um antigo gaiato — o «Chola». À tarde, recebemos o «Compasso» em nossa Casa. Todos beijámos o Senhor.

**GADO** — Temos uma porca que deu à luz catorze ricos leitões. Morreram dois. Esperamos que os rapazes que tratam do gado — Rui Pedro e Daniel — tenham cuidado para que a porca não os pise ou mate.

**PADARIA** — No Sábado Santo o Zé «Pinóquio» esteve em nossa padaria a fazer pão para a Comunidade e para algumas pessoas que nos visitaram. É pena que já não cozamos pão no forno... Era tão bom!

**FUTEBOL** — Em 11 de Abril recebemos a equipa de futebol «Os Baetas», constituída por trabalhadores. Vieram conviver connosco. Foi um grande jogo, cheio de gar-

## RETALHOS DE VIDA

### Fabiano



Chamo-me Wilson Fabiano Andrade Távira. Nasci na freguesia da Sé, Faro, a 6 de Dezembro de 1988.

Na minha casa era muito reguila... Tirava dinheiro à minha mãe para comprar coisas.

Quando vim para a Casa do Gaiato, em 12 de Junho de 1994, encontrei aqui dois meus irmãos que não conhecia! E, no dia seguinte, queria ir embora...

Ando na quarta-classe do Ensino Básico. O meu pai morreu. A minha mãe casou com outro homem.

Sou adepto do Sporting Clube de Portugal.

Wilson Fabiano

galhadas... Ganhámos por grande diferença: 19-4. Agradecemos a sua visita e esperamos encontrar outros grupos para defrontarmos — e convivemos.

João («Pequeno»)

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Na manhã de Domingo de Páscoa, Maria Madalena, no jardim onde Jesus fora sepultado, estava junto do túmulo, chorando. Enquanto chorava, viu Jesus (pensou ser um jardineiro), que lhe perguntou: «*Mulher, porque choras? Ela respondeu: — Porque tiraram o meu Senhor e não sei onde O puseram*. Supondo ser o jardineiro, continuou: «*Senhor, se tu O tiraste, diz-me onde O puseste*. E Jesus disse: «*Maria! Ela virando-se, cheia de Fé, respondeu: — Mestre! Soube então que era Cristo, seu Mestre, o Senhor Ressuscitado*».

A Fé e a Alegria de Domingo de Páscoa para todos vós. Aleluia, Aleluia.

**O QUE RECEBEMOS** — Do assinante 19576, 5.000\$00

para o foliar dos Pobres: «É com satisfação que envio esta migalhinha». José Jorge, de Guimarães, 10.000\$00: «Continuai pois é esse o caminho certo. Se puderes, chegai esta migalha à ti Lina e que não desanime». Amigo, da Alemanha, 150 marcos. Carolina, 10.000\$00. «Para alegrar um pouco a Páscoa de alguns velhinhos que protegem, envio pequeno donativo de 5.000\$00 para as amêndoas que eu não posso comer» — palavras de uma anónima. Beatriz, 10.000\$00. Almeida d'Êça, 20.000\$00. J. R. D., 2.000\$00. Anónimo, 1.000\$00. Assinante 9708, 15.000\$00. «Para ajudar a alguma necessidade», 3.000\$00. «Peço desculpa por ser pouco e com votos de santa Páscoa», 5.000\$00 da assinante 24000. Cheque de 10.000\$00, da assinante 45872, para minorar necessidades. Cheque de amiga, da Póvoa de Varzim. Manuel Pinto, 5.000\$00. Senhor Costa, cheque de 25.000\$00 «para ajudar os mais carenciados». Ester, 5.000\$00.

A todos estes amigos e não só, a todo o mundo, desejamos uma santa Páscoa. Que Deus vos pague. Aleluia!

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

Moçambique — Massaca 1, já em pleno funcionamento.





# SETÚBAL

## A nossa Páscoa

A nossa Páscoa foi o Paulo. O Paulo e a mulher e os seus três filhinhos. Como me soube bem!... Que alegrias espirituais e afectivas de sabores tão matizados, tão frescos e sempre novos, estes acontecimentos nos proporcionam!...

Não esperava. No peso do meu pecado julgava sempre um sonho quimérico, uma surpresa tão jubilosa.

«Viemos matar saudades!»... Acredito.

O Sepulcro em que se havia envolvido a sua vida após o casamento deixara-nos uma sensação de morte quase definitiva e acarretara um sofrimento de cruel Paixão.

Pelos irmãos que foram nossos e são, mas também já casados e com famílias constituídas e a crescer, íamos sabendo notícias difusas e confusas.

A senhora D. Viviane, companheira das dores provocadas pelo sonho desfeito que ela tão bem acalentara e sacrificadamente amparara, bem merece comungar esta alegria pascal.

Uma menina, e dois meninos, dos cinco anos aos oito meses, são um jardim florido e perfumado no meio do casal jovem e mais amadurecido.

O Paulo quis consolar-me. Falou-me do seu trabalho e das suas responsabilidades na Empresa onde chefia uma equipa de seis homens. Das suas garantias e do seu salário. Da sua segurança material e conseqüente sentir da dignidade recuperada. Se alguém me contasse, faria como Pedro e João naquela manhã, do longínquo primeiro dia da semana. Não acreditaria. Mas depois de ver a alegria do casal e a felicidade nas crianças tão lindas, verguei-me à evidência da Ressurreição.

Nesta longa noite de silêncio e de irremovíveis dificuldades, o Paulo tem sido um herói a lutar pela indissolubilidade do seu casamento, unidade da sua família e beleza do ideal. O combate foi travado nas melhores linhas, aumentando naturalmente as responsabilidades e alargando a beleza indescritível da família. Tudo natural, mas com o cunho e o selo de Deus.

Como estou grato ao Senhor por este reencontro. Ele é a Páscoa que contigo quero partilhar.

## A nossa Festa

ESTÁ aí em grande azáfama de ensaios. Ao contrário do que sucede muitas vezes, são, este ano, os rapazes a puxar por mim. Cansado e doente, quase me ia resignando à ideia de não fazermos Festa este ano. Sinto que não aguento o esforço anormal que as Festas inevitavelmente acar-

retam. A pouco e pouco eles foram vencendo e agora será o que for.

O tema é belo. Quem me dera tratá-lo bem, como merece: «Somos a seara imensa do trigo e do joio» — expressão do Padre Américo a definir concisamente uma Casa do Gaiato e a revelar o mistério e a dificuldade de educar o rapaz da rua. Numa família constituída também por ele e de que é um pilar importante e insubstituível.

A ideia é do Mestre, mas são poucos os que, ao longo da história da nossa fé, na educação social da humanidade, a puseram em prática. Toda a Teologia do Corpo Místico é inspiração fecunda da seara imensa.

A Experiência é do Padre Américo e nossa. Todos os dias avistamos, de manhã à noite, o trigo de beleza incomparável enxameado do joio resistente.

Padre Acílio

# África

Continuação da página 1

flagrante feliz que não tive a alegria de ver em mais parte nenhuma. A gente nas ruas tinha o ar de quem andava calmamente a tratar das suas vidas — e dava vida à cidade. Julgo que a maioria dos que lá se refugiaram, regressaram já às suas sanzalas e vão amanhando as suas lavras. A nossa fazenda, na periferia da Aldeia, é uma manta de retalhos onde muitos fazem as suas fazendinhas. E na estrada, quando íamos à cidade, encontrávamos gente que ia e vinha com suas ferramentas de trabalho ou com os produtos colhidos. Parece-me, pois, a vida a regressar à normalidade de uma economia de subsistência, modesta, sim, mas infinitamente mais humana e digna do que aquela maré de pessoas pen-

dulando entre uma e outra ONG das ajudas humanitárias como anos atrás. Nem nos breves dias que passei em Malanje tive a oportunidade de encontrar-me com aqueles cortejos de pedintes que acorrem à nossa Casa

de Benguela trazendo a sua «preocupação». É assim que eles começam o seu pedir: «Trago uma preocupação». E só depois desfilam as preocupações.

O que pode a paz! a transformação felizmente

operada neste tempo em que a guerra parou e se promete ao Povo a paz, mesmo sem ela ser ainda um dado seguro! Deus faça que os homens a firmem quanto antes e definitivamente.

Depois, o Povo há-de ir ressuscitando devagarinho, assim o deixem os grandes e poderosos, de dentro e de fora, que não sei se não serão outra adversidade a ultrapassar...

Padre Carlos

## ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

Já muitas vezes vim a terreiro sobre a necessidade de se encontrarem alternativas, não na lógica do sistema nocturno por unidades capitalizáveis, mas na lógica de sistema integrado de aprendizagem profissional a começar logo a seguir ao 6.º ano de escolaridade. Estou em crer que muitos dos miúdos das áreas mais pobres da nossa sociedade ganhariam alento para fazer o 5.º e 6.º ano. Assim, seria bom apresentarem-se estatísticas reais das desistências durante estes anos. Encontramo-nos aqui com mais um paradoxo das nossas obrigatiedades: Cheguei à conclusão de que ninguém obriga

ninguém a ir à escola seja em que fase for do crescimento da criança.

Estamos em Tempo Pascal. Esta alegria está manchada pela pergunta: — Quantos jovens o sistema de ensino ainda vai continuar a marginalizar antes de abrir os olhos e fazer algo de novo que se adapte à realidade? Quanto peço a Deus que ilumine os senhores lá dos ministérios da Educação e da Solidariedade (nem sei se é bem assim que se chamam, também não vale a pena o esforço para saber) a fim de reverem a situação. Os jovens pobres teriam imenso a ganhar.

Padre Manuel Cristóvão

# Cartas

## Saudação

Prezados amigos: Permitam que vos trate assim, pois assim considero toda a Obra da Rua nomeadamente o arauto que me traz as vossas notícias quinzenalmente — O GAIATO.

Infelizmente, não sou tão cuidadoso como ele, e já nem sei quando lhe envie o último valor ou para qualquer outro fim prioritário. Desculpai o atraso.

Saúdo-vos com votos de coragem para poderem prosseguir um trabalho que será um dia recompensado.

Assinante 32477

## Leitura obrigatória

No dia de aniversário de nascimento do Padre Américo — grande apóstolo da minha juventude universitária — lembrei regularizar contas com O GAIATO. Este pequenino jornal tem o condão de ser Grande Verdade

em seus artigos editoriais, nomeadamente os artigos sobre o tema tão tratado (e infelizmente tão maltratado nos órgãos de comunicação social) das crianças e jovens em risco.

A leitura d'O GAIATO continua a ser obrigatória para mim, pois nele encontro, muitas vezes, a palavra certa no momento oportuno.

Assinante 61183

## Muito lhe devo

Envio uma oferta para o jornal que tanto admiro e de que faço leitura espiritual. Muito lhe devo, pois tem-me ajudado a ver a vida com mais humanidade e amor a Deus.

Obrigado por tudo de bem que a Obra da Rua faz e que Deus esteja sempre convosco.

Peço que, nas vossas orações, lembrem esta velhinha com 84 anos.

Assinante 24010

## CALVÁRIO

# Os menos e os mais



Casa do Gaiato de Belre (Paredes)

Continuação da página 1

A sabedoria popular bem afirma que «é de pequenino que se torce o pepino». Isto aplicado aos homens é verdade indescutível. Anda por aí tanta gente direita a fingir que é importante só porque traz os livros debaixo dos braços ou a capa aos ombros.

Os hábitos, no campo da educação, da profissão, da convivência social têm de vir de muito cedo para enraizarem. Douro modo, ou são penosos ou impossíveis de adquirir.

A educação é fruto do tempo e não de cursos, mesmo acelerados. É uma construção de pedras pequenas que se vão sobrepondo, até o edifício ficar terminado. Põe-se uma pedra de cada vez. Leva tempo, requer paciência, exige esforço, mas cresce e finalmente conclui-se. Tem é de ter as pedras todas.

A educação é feita a partir dos alicerces da vida. Os hábitos de higiene, de compor-

tamento social, de trabalho, de ocupação, de valorização da pessoa têm de iniciar-se logo nos primeiros anos. E, com aqueles, surge uma natural mecanização de comportamento. A escola prolongada, sobretudo para quem não possui grande capacidade intelectual, pode ser, e é tantas vezes, factor de atraso, porque retarda a aprendizagem profissional ou mesmo o simples hábito de trabalho.

Quem não adquirir hábitos sadios cedo, dificilmente os possuirá depois, porque, entretanto, outros se impõem pela negativa — a dependência, a preguiça, a ociosidade, a indisciplina — que tornam a vida inútil e vazia.

Como então? Começando de pequenino.

E porque assim sucedeu, o Marcelo hoje canta vitória e os visitantes rendidos nem querem acreditar:

— Aqui não dorme ninguém!

Padre Baptista



## Um bairro com aspecto e vidas de abandono

DEPOIS de tudo o que se tem dito e publicado, também nós fomos ver.

Era quase o fim do dia. Ao lado da rua por onde seguíamos, aparece uma placa a indicar o nome do bairro. Fomos por um caminho de terra batida. Pouco depois passámos junto de um edifício escolar que tem as janelas fortemente protegidas com grades de ferro, sinal de pouca segurança. Começámos a avistar um terreiro, de pedra dali extraída, onde se encontravam muitos vultos humanos em movimento. Um jovem apontou o aqueduto sobre a valeta funda e chegámos à rua que dá acesso ao bairro.

No terreiro, observamos um quadro dan-tesco: Dezenas de rapazes e raparigas, de cor e brancos, bastantes já adultos; e, tam-

# PATRIMÓNIO DOS POBRES

bém, alguns adolescentes, com aspecto de vidas perdidas, embora quase todos com mãos ocupadas em algumas coisas. A maior parte em pequenos grupos, junto das barreiras de pedra que por ali ficaram, com cigarros acesos na boca ou dobrados, a injectarem-se de diferentes modos. Outros deambulavam à toa, dando a impressão que procuravam quem os acompanhasse ou lhes valesse. Alguns, apoiados em suas *canadinas*, seguiam à procura de cantos preferidos.

Pareceu-nos, pelo aspecto dos rostos, um mundo de vidas muito infeliz. Embora naqueles dias muito se tenha falado e escrito, não fazíamos bem ideia de toda aquela realidade. Ficámos abismados.

Não parámos. Ali não é lugar de paragem. Entrámos no bairro e circundámos ruas, umas a seguir às outras. O aspecto de muitas habitações é de desleixo, de sujidade.

Janelas com vidros e persianas partidos. Alguns orifícios já sem janelas. Muitos olhares com aspecto de desconfiança.

DEPOIS de tudo aquilo que temos escutado sobre a segurança naquele bairro, quisemos também certificar-nos. Não encontramos um agente, naquela tarde. Vimos o posto da Guarda sem ninguém à porta.

Naqueles dias o Ministro tinha anunciado o reforço de mais quinze elementos para esse posto, mas ainda não tinham chegado. Esperamos que a sua presença e acção sejam um remédio para o mal.

O meu companheiro, já no retorno, desabafou a impressão que tinha — e muitos têm: — *Deve haver alguém que explore e faça, da droga e drogados, da prostituição e prostituídos, o seu negócio. Tanta droga e*

*a venda dela à vista! Tanta prostituição às claras! Alguém se aproveitará deste negócio flagelador.*

Como remédio é necessário intensificar uma acção conjunta dos habitantes e dos agentes de segurança. Vimos, na TV, com muita alegria e esperança, os conselhos e advertências duma senhora que ali habita, dados com muita alma àquele drogado esquelético e a todos os drogados: — *Andais a matar-vos por vossas mãos!* Nasceu também em nós a esperança dum futuro mais humano e mais digno para aqueles que se servem do bairro, ao vermos agora mais elementos da segurança a patrulhar as ruas.

Se, a nível nacional, houver um plano organizado de extinção deste flagelo social, ele terá o seu fim, ou, pelo menos, será atenuado.

Padre Horácio

## Malanje

Dorito

10/3/98

DE novo os carrinhos... Qualquer lata serve. Rodas de madeira, solas de sandália, e, até, caroços de espigas de milho!

Dorito é o mais pequeno. Apanhei-o, hoje, na construção do seu *mercedes*. Estava aperfeiçoando o rodado e já tinha o fio que fará de motor.

Feliz o Dorito puxando o seu bólido que saltita no chão como sapinho coxo!

Os seus dentinhos brancos, abertos num sorriso claro e constante, cativam!

Dorito! A sua história é simples como uma flor que à luz do sol desabrocha e cresce: A sua mãe foi à lavra e não voltou mais. Ele, com dois anos, ficou sozinho na pequena cubata. Uma vizinha ouviu o choro e reco-

lheu-o. Uma Irmã soube e levou-o para a creche. Depois, foi o caminho até nossa Casa. Nada mais... Sem um elo que o ligue à família! O pai? Estes, raramente aparecem... Não há lei que obrigue e as boas tradições estão em agonia.

Dorito está feliz e manda um beijinho para todos.

15/3/98

### As Igrejas não poderão acomodar-se...

SER solidário é *estar com e seguir ao lado*; deitar a mão e deixar que o Outro nos ampare.

É sentir a injustiça feita ao Outro como se fosse a nós mesmos.

É compreender a fome dos que a têm e, sem mais aque-

las, repartir com eles o pão.

Ser solidário implica a denúncia das injustiças e a luta pela justiça.

Certo que não podemos destruir um castelo com uma espada... Mas, a velha história: — *Um castelão fechou o seu a sete chaves e, bem seguro, foi correr mundo. Ficou dentro um casal de ratos que se multiplicou aos milhares e destruíram tudo...*

Não há fraternidade numa nação, se nela pululam carros de luxo e permanecem hospitais sem camas nem medicamentos. Também não, se as escolas continuam esburacadas e sem assentos.

Claro que não se, lado a lado, caminham os que têm tudo e aqueles que mal têm para o púcaro de farinha...

Sendo assim, as Igrejas com os seus pastores não poderão acomodar-se sem trair o Evangelho.

Cristo não usou do espadachim contra o castelo, mas, sem medo, subiu ao monte e proclamou, bem alto, o Sermão da Montanha.

Padre Telmo

## Benguela

### No meio do meu povo

DE novo no meio do meu povo, que são estes filhos de Angola, em nossa Casa do Gaiato. Foram quarenta e cinco dias de repouso e revisão geral do organismo. Nova etapa a cumprir agora. Queria ver Angola a sair do marasmo em que mergulhou. Chamam-lhe um «país adiado». Temos essa sensação quando poisamos, de novo, em terra angolana. Onde estão os homens capazes de amar sem medida o povo a quem dizem servir?

Não é de estranhar que os meus olhos vejam, com particular sensibilidade, as crianças deste país. A maior parte delas sem futuro. Ao olhar para as cento e quarenta que estão em nossa Casa a preparar-se para o futuro, embora difícil, apetece dizer que vale a pena dar a vida para que jamais sejam agarradas pela miséria. São poucas, é verdade, perante a multidão que anda por aí. Mas vale a pena. Que seria delas se não fosse a Casa do Gaiato?

Onde está um punhado de valentes dispostos a subir esta montanha? Só um punhado. Cada vez mais admiro aqueles e aquelas que

«vendem tudo» para comprar o TESOURO.

Está conosco a D. Fernanda que, por sua conta e risco, quis conhecer um pouquinho de Angola. Há anos que tinha este sonho. Aproveitou a minha ida a Portugal e veio comigo, por um mês. Como ela está feliz! Por ver coisas lindas? Talvez. Mas, sobretudo, por ter saído dum mundo fácil, cheio de tudo, mas muito vazio de valores; e por ter entrado noutro mundo, em que a vida pode ganhar um sentido novo.

### Onde estão os ressuscitados?!

ESTAS notas caem em cima da Páscoa. Vem a propósito falar da grande Pedra colocada à entrada do túmulo, onde Jesus foi coloeado. Pedra grande, difícil de mover. Mas foi removida pela força do Ressuscitado. Um morto não era capaz de o fazer. Só o Ressuscitado.

Ele há tantas pedras que impedem a ressurreição de tantos mortos pela miséria! Miséria que tem muitos nomes. Quem pode remover essas pedras? Só os ressuscitados. Onde estão? Onde estão os ressuscitados?! Há cristãos que, por certo, não experimentaram a alegria da Ressurreição.

Porque falo desta maneira? É que estou numa terra onde as pedras são pedregulhos a impedir a ressurreição de multidões de crianças para a vida. Onde os ressuscitados?

Uma Páscoa feliz!

Padre Manuel António

## TRIBUNA DE COIMBRA

# Não são os «grandes» que nos entendem

A nossa vida é feita de pequenos gestos de partilha. Não são os «grandes» que nos entendem. Nem eles têm tempo para pensar que ao seu lado há quem precise de ajuda. Hoje queremos dar conta de alguns desses gestos que ainda não perderam o sabor pascal.

Queremos recordar, com gratidão, amigo nosso, de Miranda do Corvo, que todas as semanas, inalteravelmente, nos oferece considerável porção de carne que chega para o almoço de domingo, dia em que toda a Comunidade aqui está. Destaque-se o aumento da dose oferecida quando alguma festa se aproxima, como o Natal ou a Páscoa, por exemplo. É um gesto escondido que muito nos sensibiliza. É um dar muito especial, este gesto de esconder a mão que reparte.

O Rotary Clube das Beiras voltou a fazer o seu encontro anual no Casino da Figueira com os olhos e o coração postos na criança com nome próprio: o Gaiato. Tudo muito bem preparado e o que se diz e ouve é doutrina do Padre Américo assimilada. No final os nossos rapazes evidenciam sempre, com grande talento, os seus dotes artísticos que a todos encanta e enche de admiração. É um encontro a que já nos habituámos pela simpatia irradiante de todos

para com a nossa Obra. Um obrigado muito especial à colaboração dos artistas da Figueira da Foz.

A Paróquia de S. José, em Coimbra, é um pólo atractivo da amizade que a Lusa-Atenas sempre nos devotou. Mesmo sem a nossa voz, passou de 1000 contos o seu gesto de partilha quaresmal para com a Casa do Gaiato.

Ao longo da Quaresma muitos foram os gestos de partilha para conosco. A. S. Minga é uma presença habitual, mensal. De Soure, também uma presença mensal de 10 mil, que nos apraz registar. A mesma, de Cebolais, variável apenas nos números... M. C. E., grupo de Pataias, por duas vezes com cheque de dezenas.

Interessante e original a partilha dos meninos da primeira Comunhão das paróquias de Castelo Branco. Na semana da aprovação do alargamento da lei do aborto no Parlamento, estas crianças, seus pais e catequistas mostraram o seu desagrado de uma forma positiva. Mandaram para a Casa do Gaiato três cheques de 63.421\$, 63.630\$ e 100 mil que, como bem o disseram, acolhe os filhos que os Pobres não enjeitam. Gesto belo, mais eloquente que muitos discursos empolados. Muito significativo e educativo.

Destacamos, ainda, um velho amigo de Monte Real com 50 mil. Mais 20 mil, de Castelo Branco, por duas vezes. Uma Esmeralda, da Figueira da Foz, com 100 mil. Mais 45 mil, de Castelo Branco. 163 mil, da Anadia, de vicentina que se viu em grande aflição. A Imelda volta sempre com a regularidade que lhe é peculiar, pedindo também muita discreção. Encerrámos com a presença de vários grupos das paróquias de Condeixa, Soure e arredores. Muita roupa, calçado e mercearia. Não esquecemos, por último, a amizade especial dos funcionários do *Continente* sempre que por ali passamos. A todos, a melhor Páscoa.

Padre João

## PENSAMENTO

Quem semeia, colhe. Esta é a primeira verdade. Mas, a segunda é maior: só colhe quem semeia.

PAI AMÉRICO